

STELA DO PATROCÍNIO: CAMINHOS PARA UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM EM ARTE

Érica Dias Gomes¹

Bettina Heerdt²

RESUMO

Stela do Patrocínio (1941-1992) é hoje reconhecida por sua poesia oral, embora tenha passado a maior parte de sua vida internada no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Enquanto mulher, preta, pobre, trabalhadora de residências e, posteriormente, confinada, traz na sua poesia traços de suas vivências em meio a tantos marcadores sociais. Este trabalho apresenta parte da metodologia de uma pesquisa de doutorado em andamento, e tem como objetivo pensar criticamente a abordagem da poesia da Stela do Patrocínio como possibilidade de desenvolver uma comunidade de aprendizagem em arte. A abordagem teórico-metodológica se dá na pedagogia feminista de bell hooks. Para iniciar uma comunidade de aprendizagem, corporificar-se é um ato importante para a abertura necessária para o cruzamento de fronteiras que surgem pelo encontro com a diferença. Desta forma, a arte de Stela do Patrocínio pode colaborar para a exposição de marcadores sociais da diferença no estabelecimento de uma comunidade que pretende trazer o diálogo como meio de superação do conflito, em uma proposta pedagógica em direção a uma ruptura com o sistema branco capitalista para o ensino da arte.

Palavras-chave: Pedagogia feminista, Ensino de Arte, Poesia oral, Formação docente, bell hooks.

1 Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Professora de música no Departamento de Arte da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, ericagomes@unicentro.br.

2 Professora orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da UEPG, Doutora, Professora no Departamento de Biologia da UNICENTRO, bettinaheerdt@unicentro.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento em Educação que pretende formar uma comunidade de aprendizagem em arte para dialogar sobre corpos enquanto metodologia para fazer emergir discursos acerca de sexo, gênero, desejo e sexualidade de alunas/os de Licenciatura em Arte. Tem como objetivo pensar criticamente a abordagem da poesia de Stela do Patrocínio como possibilidade de desenvolver uma comunidade de aprendizagem em arte.

Stela do Patrocínio (1941-1992) passou a ser um nome conhecido na literatura brasileira após a publicação de seu livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” (Patrocínio, 2001), organizado pela pesquisadora Viviane Mosé. Passou grande parte de sua vida internada em instituições psiquiátricas, sendo na maior parte do tempo na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde seu “falatório” chamou atenção de voluntários/as que desenvolviam atividades de arte na instituição com as internas. Sua voz foi, então, eternizada em gravações feitas, que possibilitaram o lançamento de seu livro (Patrocínio, 2001).

O falatório de Stela, segundo Viviane Mosé, era marcado pela perplexidade diante do corpo, da forma, da matéria humana e diante do próprio olhar, desvinculado da linearidade cotidiana (Patrocínio, 2001). Em seu texto também estão as marcas do seu corpo e da sua vivência, enquanto mulher, negra, pobre, trabalhadora de residências, interna de instituição psiquiátrica.

Assim sendo, a poeta e seu texto podem configurar uma rica possibilidade para o ensino de arte, tendo em vista que o repertório literário-artístico pode ser ponto de partida para debates na sala de aula. Pode ser utilizado no seu potencial de levantar questões de desigualdades socioculturais em direção a uma ruptura de um padrão supremacista branco capitalista na educação.

Uma pedagogia engajada feminista é comprometida, segundo bell hooks³ (2021, 2020, 2013), com o estímulo de potências e com o fortalecimento de autoestimas de todas/os as/os alunas/os. Assim sendo, é necessário não só inserir conteúdos de pessoas que não correspondem ao ideal supremacista branco capitalista de sujeito, ou seja, homens brancos cis, mas também buscar abordar o que os marcadores sociais da diferença interferem naquela produção.

3 bell hooks estará grafado intencionalmente em letras minúsculas, inclusive no sistema de chamada de citação e nas referências, em reforço à proposta da própria autora. Gloria Jean Atkins (1952-2021) adotou o nome de sua bisavó nos seus livros, e a grafia em minúsculo por um posicionamento político, ao dizer que suas ideias são mais importantes do que a pessoa.

A autora também defende que, para todas/os terem vozes na sala de aula, é fundamental criar uma comunidade de aprendizagem, em que o diálogo seja fundamento para o desenvolvimento de uma relação amorosa, de respeito, com superação dos conflitos em direção a um comprometimento com o conhecimento. A comunidade de aprendizagem é baseada na ideia de cooperação, em contraposição ao modelo baseado no poder, na opressão, na subordinação, na dominação (hooks, 2021).

A presente pesquisa pretende criar uma comunidade de aprendizagem em arte com alunas/os de Licenciatura em Arte para dialogar sobre corpos, levantando, assim, reiterações discursivas a respeito de sexo, gênero, desejo e sexualidade. Este trabalho apresenta a concepção teórica e metodológica de um dos encontros que marcam a criação dessa comunidade.

O encontro escolhido terá como ponto de partida textos de Stela do Patrocínio, que serão utilizados em dinâmicas com objetivo de pensar o corpo presente no texto (e na autoria do texto) da autora. Apresenta-se, então, um planejamento pedagógico com embasamento na pedagogia engajada feminista de bell hooks (2021, 2020, 2013), referencial teórico-metodológico adotado para este trabalho, juntamente com Judith Butler (2023, 2022, 2016). Butler é base para se pensar a (in)inteligibilidade dos corpos, colocando o foco nos discursos excluídos pela visão de normalidade pregada pela heteronormatividade. A pesquisa se apoia também no autor da educação musical Keith Swanwick (França, Swanwick, 2002). Seu conceito sobre apreciação musical é expandido para a ideia de apreciação em arte na pesquisa.

Ao considerar que a maioria das referências teórico-artísticas no ensino de arte ainda é composta por homens cis brancos de países hegemônicos, é fundamental ampliar caminhos, buscando novas propostas. Desta forma, este trabalho apresenta a possibilidade de ouvir a poeta Stela do Patrocínio, uma voz resgatada entre tantos discursos excluídos pela sociedade.

CONSTRUÍDO UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Stela do Patrocínio (1941-1992) (Figura 1) foi uma poeta oral, que viveu no Rio de Janeiro e passou a maior parte de sua vida (1962-1992) internada em instituições psiquiátricas, devido a um diagnóstico de esquizofrenia (Patrocínio, 2001). Seu texto é autobiográfico, e traz seu depoimento enquanto interna, na maior do tempo, na Colônia Juliano Moreira. A poeta foi testemunha do processo de mortificação em que se baseavam o funcionamento destas instituições antes

do processo de humanização trazido nos anos 80, com a Reforma Psiquiátrica (Patrocínio, 2001).

Seus poemas só vieram à tona devido a intervenções que artistas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage realizaram na Colônia Juliano Moreira na década de 80. Stela e seu “falatório” chamou a atenção de estagiárias e profissionais envolvidas com ações artístico-culturais para as internas do Núcleo Teixeira Brandão:

Ao contrário de outras internas, que aceitavam se relacionar com tintas e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza desta preferência. Em sua fala desconcertante, incisiva, cada sílaba era pronunciada com gosto (Patrocínio, 2001, p. 20)

Figura 1: Stela do Patrocínio



Fonte: Museu Bispo do Rosário⁴

A pesquisadora Viviane Mosé, depois de pesquisa realizada em que teve contato com os áudios de Stela do Patrocínio, reuniu, selecionou e organizou textos em forma de livro (Patrocínio, 2001). Stela do Patrocínio traz em seus textos a marca de suas vivências enquanto mulher negra, pobre e interna psiquiátrica, sendo que antes trabalhou como empregada doméstica (Patrocínio, 2001). Afirma: “Eu sou Stela do Patrocínio/ Bem patrocinada/ Estou sentada numa cadeira/ Pegada numa mesa negra preta e crioula/ Eu sou uma negra preta e crioula/ Que a Ana me disse” (Patrocínio, 2001, p. 66). Sobre as restrições à que é submetida na Colônia, coloca:

⁴ Disponível em: <https://museubispodorosario.com/stella-do-patrocinio-memorias/>. Acesso em: 29 out 23.

É dito: pelo chão você não pode ficar/ Porque lugar de cabeça é na cabeça/ Lugar de corpo é no corpo/ Pelas paredes você também não pode/ Pelas camas também você não vai poder ficar/ Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar/ Porque lugar de cabeça é na cabeça/ Lugar de corpo é no corpo (Patrocínio, 2001, p. 52)

A artista também traz aspectos de sua solidão, e da solidão no ambiente das instituições psiquiátricas: “Olha quantos estão comigo/ Estão sozinhos/ Estão fingindo que estão sozinhos/ Pra poder estar comigo” (Patrocínio, 2001, p. 65). O tom de perplexidade perante a vida, a forma, a matéria humana, bem como sua condição de opressão pode ser observado nas suas palavras: “Eu não sei o que fazer da minha vida/ Por isso eu estou triste/ E fico vendo tudo em cima da minha cabeça/ Em cima do meu corpo/ Toda hora me procurando me procurando/ E eu já carregada de relação sexual/ Já fodida/ Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum” (Patrocínio, 2001, p. 125). Pode-se dizer que Stela:

Adorava leite condensado, coca-cola, biscoito de chocolate, maço de cigarros, caixa de fósforos e óculos de sol. Participava das atividades propostas. Não perdia a lucidez. Cuspia os psicotrópicos. Só era medicada quando ameaçava se jogar pela janela. Ficava bem sem medicação (Patrocínio, 2001, p. 21)

Suas satisfações estavam em pequenos prazeres cotidianos, em meio à rotina limitada e dura da internação, e à sua vivência enquanto sobrevivente de abusos: “Minha vida é só comer beber e fumar/ Só presto pra beber comer e fumar/ Eu não sabia/ Aprendi quando fui agarrada pra relação sexual/ E quando fui fodida” (Patrocínio, 2001, p. 103). E, em meio à sua realidade, parecia espantar-se com sua própria sobrevivência, em frases como: “Eu não queria me formar/ Não queria nascer/ Não queria tomar forma humana”; “Não sou eu que gosto de nascer/ Eles é que me botam pra nascer todo dia”; “Eu sobrevivi do nada, do nada/ Eu não existia/ Não tinha uma existência/ Não tinha uma matéria”; “Eu não tinha formação/ Não tinha formatura”. E, por fim, parece emitir juízo com lucidez sobre a própria condição: “Não trabalho com a inteligência/ Nem com o pensamento/ Mas também não uso a ignorância” (Patrocínio, 2001, p. 62).

A partir desses exemplos relacionados, podemos ver que os poemas apresentam a realidade de um corpo que é marcado por condições de gênero, de classe, de raça, e de racionalidade, corpo esse que coincide com o corpo da artista, tendo em vista o caráter autobiográfico do seu falatório. Todas estas condições

são retratadas nas gravações⁵ de Stela e, conseqüentemente, em seus textos organizados no livro.

Foi estabelecido um plano pedagógico para o encontro que partisse da apreciação de poemas de Stela do Patrocínio, com posterior debate e apresentação de uma poesia de autoria de Djankaw Kilombola (2023). Essa última foi adicionada desde os primeiros encontros, com poemas que tratam da própria identidade em meio a questões de alteridade. Desta forma, seu poema entra como uma continuidade à discussão maior temática tratada ao longo dos encontros, e reforçando o debate que questiona a diferença como ponto de partida para o conflito.

A apreciação artística foi pensada como base para os primeiros encontros, de forma a desencadear as discussões acerca de corpos. Em um posicionamento crítico que pretende questionar os padrões da heteronormatividade, é fundamental que se traga a diversidade, para além de uma visão naturalizada e universal sobre gênero. Por isso, foram selecionadas/os artistas que trouxessem em seus corpos e em seus trabalhos marcas de uma diversidade, para além do padrão de sujeito universal.

Apreciação artística é uma das principais bases do fazer artístico, ao se pensar o ensino da arte. Sobre apreciação musical, França e Swanwick (2002, p. 12) afirmam: “O ouvir permeia toda experiência musical ativa, sendo um meio essencial para o desenvolvimento musical”, sendo que o ouvir, não como meio, mas como fim em si mesmo, está ligado ao que chamamos de apreciação musical. Esse ouvir não é passivo, envolve uma atitude ativa perante o fenômeno musical, com mente e espírito mobilizados neste sentido. Pode-se dizer que é um “[...] processo ativo de organização e construção dos eventos temporais ouvidos em uma obra” (França e Swnawick, 2002, p. 12). A apreciação envolve, assim, a observação atenta da obra, da organização de seus materiais, dos aspectos estéticos e poéticos. Devido ao enfoque ser voltado para os corpos, aspectos poéticos em torno da apresentação desses corpos serão considerados relevantes para a discussão, tendo sido propostas perguntas para o debate.

Pretende-se que a apreciação das obras escolhidas permita o desmascarar dos corpos, ato fundamental no ensino, que revela o papel daquele corpo enquanto sujeito da história. Por isso, corporificar os membros da comunidade de aprendizagem, bem como os sujeitos do conhecimento:

O mascaramento do corpo nos encoraja a pesar que estamos ouvindo fatos neutros e objetivos, fatos que não dizem respeito à

5 Todas as gravações realizadas na década de 80 pelo grupo de voluntários estão disponíveis no Repositório Institucional da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6465>. Acesso em 16 nov 23.

pessoa que partilha a informação. Somos convidados a transmitir informações como se elas não surgissem através dos corpos. Significativamente, aqueles entre nós que estão tentando criticar os preconceitos na sala de aula foram obrigados a voltar ao corpo para falar sobre si mesmo como sujeitos da história. Todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. Reconhecendo a subjetividade e os limites da identidade, rompemos essa objetificação tão necessária numa cultura de dominação (hooks, 2013, p. 186)

Tendo em mente essa ênfase nos corpos, e pensando no encadeamento dos encontros da comunidade de aprendizagem, nos dois primeiros encontros da comunidade foram planejados como apresentação do grupo e da pesquisa, fato aproveitado para, desta forma, ser trabalhado o tema “Quem sou eu?”. A ideia é trazer obras artísticas que levem a pensar quem somos ou, ainda, obras autobiográficas que tragam a questão do ser mulher, principalmente. Ela tem como objetivo já trazer um questionamento sobre a categoria “mulheres”, com base em Judith Butler (2016), iniciando a discussão a partir da ideia de ser uma pessoa em busca da identidade, voltando o olhar especificamente para a mulher, e, a partir disso, pensando na realidade da mulher preta e da mulher trans. Optei por iniciar com mulheres brancas artistas, tendo em vista que este perfil é o da maioria entre alunas/os do curso de Licenciatura em Arte na universidade pública em que será realizada a pesquisa. Também optei por não inserir homens brancos cis na seleção de artistas, por entender que esse padrão já é o cânone tradicional na formação em arte. O terceiro encontro parte da temática “Quem é o outro?”, problematizando a ideia de diferença como ponto de partida para o conflito. Para começar a pensar interseccionalidades, será lido o discurso “E eu não sou uma mulher?” de Sojourner Truth⁶, bem como apresentadas obras de Djankaw Kilombola e Linn da Quebrada.

O quarto encontro continua a temática “Quem é o outro?”, que tem como objetivo pensar a alteridade enquanto fundamental para o pensar sobre si. Também busco levantar a ideia de conflito, que se revela no encontro com o outro, em uma discussão que leva a perceber sobre a importância dos discursos – e, portanto, do outro – na constituição da subjetividade. Para essa discussão, levanto a ideia de loucura como possível indicador de diferença em uma sociedade branca

6 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 24 out 23.

capitalista, para pensar a ideia da (in)inteligibilidade dos corpos de Butler (2023). Com a sequência de artistas apresentadas até o fim desse encontro, espera-se que a própria apresentação feita pelas/os alunas/os participantes já seja ressignificada, em função das suas posições específicas nas suas condições de gênero, de raça, de classe, de racionalidade, de sexualidade. A corporificação envolve a consciência e a exposição dessas posições, e permite uma ruptura com o suposto universalismo na posição do sujeito visto como padrão.

Os conteúdos elencados para o encontro são: autoestima e gênero; marcadores sociais da diferença; heteronormatividade e normalidade. Os objetivos estipulados para as/os alunas/os em arte são: compreender possíveis relações entre autoestima e identidade de gênero; compreender a importância do outro para a constituição da identidade e a implicância disso em meio à heteronormatividade; pensar criticamente em como os marcadores sociais da diferença atuam na constituição do que chamamos de identidade. E os objetivos de pesquisa a serem alcançados nessa etapa são: reconhecer discursos das/os alunas/os de Arte sobre a inteligibilidade de corpos na apreciação de produções artísticas diversas; levantar questões sobre sexo, gênero, desejo e sexualidade relacionadas aos corpos; e pensar criticamente sobre os marcadores sociais da diferença que emergem do diálogo na comunidade pedagógica construída.

O encontro terá a duração de 3 horas/aula, sendo que ele se inicia por uma continuidade do trabalho de elaboração individual de um diário (30 minutos). Todas/os as/os alunas/os terão um diário em que vão fazer anotações, colagens, desenhos, intervenções de acordo com sua criatividade, para registro dos pensamentos que surgem a partir da participação na comunidade de aprendizagem. O diário é feito com referência ao trabalho desenvolvido por hooks (2021, 2013), reforçando a ideia de que todas/os as/os alunas/os devem ter suas vozes ouvidas. Todas/os registram seus pensamentos e ideias e sensações do que experienciam na comunidade, e são convidadas/os a compartilhar, caso queiram. O diário permite um compartilhamento de narrativas confessionais – inclusive do/a professor/a - que podem ser relacionadas ao que se está estudando em aula, sendo que:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. [...] Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva. [...] Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos (hooks, 2013, p. 35)

Na sequência do compartilhamento das narrativas, alguns dos poemas supracitados (um por aluna/o) serão distribuídos, sem indicação de autoria. Estes primeiros poemas distribuídos não trarão informações diretas sobre o corpo da artista/retratado, de forma explícita. As/os alunas/os terão dez minutos para preparar uma leitura dramática. Após o compartilhamento das leituras, seguirá um debate dos poemas. Foram elencadas as seguintes perguntas: Quem são as pessoas que os poemas trazem? Quem são as/os artistas dos poemas? Como vocês imaginam esses corpos? Como vocês percebem a poética dos poemas? Como cada um procedeu para dar corpo à leitura poética?

O objetivo desta atividade é levantar as reiteraões discursivas que surgem ao se imaginar determinados corpos. Supõe-se que alguns traços levantados pelos poemas indiquem, indiretamente, a realidade daquele corpo da artista que é colocado em questão na sua obra. É interessante observar se os marcadores sociais se fazem presentes ou não, mesmo sem a menção direta a eles. A atividade está prevista para durar 40 minutos. Após a discussão, serão apresentados outros poemas da Stela do Patrocínio, desta vez por meio de áudio da própria poeta. Após a escuta, será realizado debate, orientado pelas seguintes perguntas: A voz da autora revela mais discursos sobre aquele corpo que fala? Como seria o corpo da artista que fala os poemas?

Por fim, serão mostrados trechos em vídeo da poeta, com seu falatório. A artista, então, será apresentada ao grupo, para que então seja discutido: quem é a artista? Quais pontos são levantados a partir de sua poética? Como ela se localiza em meio aos discursos sobre o que é uma pessoa “normal”, “padrão”?

O objetivo da atividade é pensar a normalidade e o desvio, o universal e o que está fora do universal, a exclusão e a inclusão. Para isso, é necessário retornar ao “Quem sou eu?” e ao “Quem é o outro?”. Como nos posicionamos em estar dentro ou fora de uma “normalidade”? É possível estar sempre dentro, ou sempre fora? Até que ponto essa discussão também tem a ver com a autoestima e com a questão da saúde mental? A atividade tem previsão de duração de 30 minutos.

Após, um próximo momento, com análise do falatório da Stela do Patrocínio e ver indícios na fala sobre os marcadores de gênero, de raça e de classe. Como eles aparecem? Existem elementos que podem marcar o falatório com o de uma pessoa fora da normalidade, da racionalidade? O objetivo é verificar se existem e como funcionam. Esses elementos, representados por recursos verbais, poderiam estar presentes na forma em que se corporificam as/os alunas/os? A atividade durará cerca de 50 minutos.

Após essas atividades, será realizada a leitura do poema “Quem é você?”, da artista Djankaw Kilombola (2023):

Quem é o Outro?/ Esse ser estranho/ Não conheço/ Ou não quero conhecer/ Não quero ver/ Deixá-lo Ser/ Quem é o Outro?/ Senão o outro eu?/ Esse Ser que eu vejo/ É o outro eu/ Ou sou o outro Ele/ Quem é o Outro?/ Outro é quem?/ Senão o que é eu?/ Sou o Outro/Eu” (Kilombola, 2023, p. 82).

A obra tem um potencial para a discussão de como a ideia de reconhecimento é importante para a constituição do sujeito, e como se dão os conflitos no limite entre o eu e o outro. Como perguntas para orientar a discussão, temos: O encontro com o outro pode produzir estranhamento? Quem é o estranho? O debate durará cerca de 15 minutos.

Djankaw Kilombola (Figura 2) é filha de Orixá pertencente à Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha, localizada em Guarapuava, no Paraná. É travesti negra, transfeminista, artista performática transdisciplinar, poetisa e ativista, atuando como produtora artístico-cultural no Coletivo Paiol das Artes. Também desenvolve atividades de Turismo Pedagógico Quilombola e é pesquisadora no Coletivo Bajubá LGBTQIAP+ (Kilombola, 2023).

Figura 2: Djankaw Kilombola



Fonte: Editora Urutau⁷

A estudante de Licenciatura em Pedagogia do Campo lançou em 2023 um livro de poemas (Kilombola, 2023). A artista é conhecida no meio acadêmico e cultural em Guarapuava-PR, por suas performances e apresentações. Foi selecionada para a pesquisa pela sua representatividade de arte local, e pelos questionamentos trazidos por seus poemas selecionados, que situam e questionam seu espaço

⁷ Disponível em: <https://editoraurutau.com/autor/djankaw-kilombola>. Acesso em: 29 out 23.

enquanto sujeito da história. Por fim, será apresentada uma pergunta provocadora de novas reflexões, que poderão fazer parte do diário das/os alunas/os: O que há entre o eu e o outro?

O encontro fecha, assim, a primeira metade dos encontros a serem realizados na formação da comunidade de aprendizagem em arte, possibilitando às/aos alunas/os participantes que possam ir se situando em relação aos olhares apresentados nas produções artísticas trabalhadas. Essa percepção é fundamental para que se pense na valorização da diversidade cultural na comunidade de aprendizagem, tendo em vista que esse é um lugar “[...] onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderiam, aceitariam e afirmariam que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder” (hooks, 2013, p. 46).

Assim sendo, pode-se rumar a uma pedagogia engajada feminista, com possibilidade de romper com uma ideia de conhecimento tido como universal, questionando as parcialidades estabelecidas pelos cânones convencionais (hooks, 2013). Segundo hooks (2013), em uma sala de aula diversa, o/a professor/a precisa enfrentar o modo como a política de dominação se reproduz nesse contexto. Inserir repertório artístico de pessoas que não correspondem aos cânones tradicionais também possibilita essa abertura para a diferença, e, conseqüentemente, para o diálogo que leva à superação do conflito.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Stela do Patrocínio é um exemplo entre tantos outros de criatividade no campo artístico que foi invisibilizado por suas condições socioeconômicas e culturais. O falatório de Stela do Patrocínio só chegou ao público pelas mãos das voluntárias que desenvolveram atividades na Colônia Juliano Moreira, bem como da pesquisadora Viviane Mosé. Quantas vozes são silenciadas no campo artístico por sua condição marcada na condição de gênero, de classe, de raça e de racionalidade?

Trazer o falatório de Stela para o ensino de arte abre um campo de possibilidades para além do que é trazido pelos ditos cânones artísticos, na sua predominância do padrão de homens brancos cis de países hegemônicos. Uma comunidade de aprendizagem em arte, na proposta de bell hooks, deve prezar pela inserção de nomes como o de Stela para o ensino, na sua potência para se discutir o conflito que surge pelas condições dadas por diferenças sociais.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que importam.** Os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero.** Trad. Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Petra Bastone e Victor Galdino. Coord. Trad. Carla Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta.** Porto Alegre, v.13, n. 21, p. 5-41, dez 2002.

hooks, bell. **Ensinando comunidade.** Uma pedagogia da esperança. Trad Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico.** Sabedoria prática. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBOLA, Djankaw. **Bajubás poéticas da travesti quilombola.** Coleção Pajubá. Cotia, SP: Hecatombe, 2023.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.